

## Entre o real e a ficção: a história da Inglaterra do século IX pela ótica do medievo e do contemporâneo /

### *Between reality and fiction: the History of England in the 9th century from the perspective of the medieval and the contemporary*

*Isabelle Maria Soares\**

Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO - Guarapuava, Paraná), com pesquisa em Literatura Inglesa e História da Inglaterra. Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP - Jacarezinho, Paraná). Graduada com Dupla Diplomação em Licenciatura em Letras - Português e Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR - Pato Branco, Paraná) e em Licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Universidade do Minho (UMinho - Braga, Portugal) com bolsa do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI 2013-2015) fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Atua como Professora de Língua Inglesa na UENP pelo programa "O Paraná Fala Inglês".

 <http://orcid.org/0000-0003-0003-0798>

*Edson Santos Silva\*\**

Professor Associado da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro, Paraná, campus Irati, onde atua na graduação do curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Irati e Guarapuava. Possui Doutorado e Mestrado em Literatura Portuguesa, Departamento de Letras e Ciências Humanas, pela Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, com o projeto intitulado O machismo na obra de Camilo Castelo Branco, com supervisão do professor doutor Francisco Maciel Silveira.

 <https://orcid.org/0000-0002-5921-7883>

**Recebido:** 21 out. 2019. **Aprovado:** 08 mai. 2020.

#### **Como citar este artigo:**

SOARES, Isabelle Maria; SILVA, Edson Santos. Entre o real e a ficção: a história da Inglaterra do século IX pela ótica do medievo e do contemporâneo. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 9, n. 2, p. 228-251, jun. 2020.

#### RESUMO

O presente artigo faz uma reflexão a respeito da presença da História nos documentos medievais *The Anglo-Saxon Chronicle* e *The Life of King Alfred* e na literatura contemporânea de Bernard Cornwell, especificamente, em seu

---

\*  [isa\\_ms@hotmail.com](mailto:isa_ms@hotmail.com)

\*\*  [jeremoabo21@gmail.com](mailto:jeremoabo21@gmail.com)

romance histórico *The Last Kingdom* (2004). Esses textos abordam a história da Inglaterra no século IX do período denominado Era Viking em diferentes perspectivas. Ficção e história entram em confronto, a fim de representar momentos significativos da época relatada. O artigo objetiva, dessa forma, observar como o real histórico é apresentado nos textos de diferentes épocas, com o fim de compreender as relações de poder entre anglo-saxões e escandinavos pelas óticas do medievo e de sua recepção no mundo contemporâneo. São discutidos neste artigo o contexto de produção dos textos e a contextualização histórica da época representada, para então, promover uma breve leitura de trechos com base em teóricos que procuram conceituar o gênero literário ficção-histórica.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Inglaterra; Era viking; Medievo; Contemporâneo; Literatura Inglesa.

#### ABSTRACT

*This paper intends to discuss the presence of History in the medieval documents The Anglo-Saxon Chronicle and The Life of King Alfred and in the contemporary literature by Bernard Cornwell, specifically in his historical novel The Last Kingdom (2004). These texts deal with the history of England in the 9th century from the period called the Viking Age from different perspectives. Fiction and history come together to represent significant moments of the period. The goal is to identify how these texts from different historical periods present the historical reality in order to understand the power relations between Anglo-Saxons and Scandinavians through the views from the medieval and its reception by the contemporary world. This paper discusses the production context of the texts and the historical contextualization of the portrayed period, so that it promotes a brief reading on excerpts based on theorists who seek to conceptualize the literary genre historical fiction.*

**KEYWORDS:** History of England. Viking Age. Medieval. Contemporary. English Literature.

## 1 Introdução

*The Last Kingdom* (2004) (*O último reino*, tradução brasileira de Alves Calado) é o primeiro volume de *Saxon Stories* (2004 - )<sup>1</sup>, uma série de livros contínuos, do autor britânico Bernard Cornwell, composta até o momento por treze volumes, e que faz uma releitura da história da Inglaterra, no período chamado *Era Viking*, apresentando de maneira ficcional como sucederam as invasões escandinavas no território inglês. A história desse período da Inglaterra como é conhecida hoje deve-se em grande parte a pesquisas elaboradas a partir de duas fontes: *The Anglo-saxon Chronicle*, que é um compilado de anais escritos originalmente em inglês antigo, que narram a trajetória do povo anglo-saxão, e *The Life of King Alfred*, escrito originalmente em latim pelo monge Asser<sup>2</sup>. Os manuscritos originais são datados aproximadamente do século IX. O próprio autor, Bernard Cornwell, assume ter consultado esses documentos, além de outros, para construir sua narrativa.

---

<sup>1</sup> Título no Brasil: *Crônicas Saxônicas*. Outros títulos em inglês: *The Warrior Chronicles* no Reino Unido; *Saxon Chronicles* ou *Saxon Tales* nos Estados Unidos; ou ainda, em consequência da adaptação televisiva da série pela BBC, ficou também conhecida por *The Last Kingdom Series*.

<sup>2</sup> De acordo com Keynes e Lapidge (2004), Asser nasceu na região de Dyfed, território que faz parte do País de Gales. Os autores afirmam que ele escreveu *The Life of King Alfred* em 893.



*The Anglo-saxon Chronicle* e *The Life of King Alfred* são textos narrativos medievais, reconhecidos enquanto documentos históricos, arqueologia que auxilia na reconstrução da história do período e espaço a que se referem. Mesmo que se discuta o uso dessas narrativas enquanto fontes para a historiografia, por apresentarem aspectos de ficcionalidade, tais escritos podem ser considerados enquanto representação da realidade histórica que relatam, pois é notável a pretensão de registro de acontecimentos reais nesses textos. Da mesma forma, *The Last Kingdom*, de Cornwell, por ser um texto literário contemporâneo, que rememora o que se passou, também pode ser considerado enquanto representação de uma realidade histórica.

Seguindo essa linha de pensamento, primeiramente, serão traçadas algumas considerações a respeito dos textos utilizados como foco de análise, uma breve descrição das fontes medievais com a finalidade de contextualizar e introduzir antecipadamente as reflexões pretendidas com este estudo. Ademais, será resumido o enredo da obra *The Last Kingdom*, de Bernard Cornwell. Em seguida, será apresentada uma breve contextualização histórico-geográfica acerca do século IX na Inglaterra, o qual é referência neste estudo. Por fim, a proposta deste trabalho pretende discutir como o “real histórico” é apresentado nos diferentes textos: os primeiros, documentais e medievais, e o segundo, literário e contemporâneo. Nessa perspectiva, entender as relações entre a ficção e a história é fundamental para ler e interpretar as representações históricas nos textos propostos para este estudo.

## 2 Os documentos medievais

*The Life of King Alfred* é um texto de tamanha importância por ser “o primeiro relato sobre um rei anglo-saxão de que temos registro [...]” sendo “[...] um documento importante para aqueles que desejam estudar Inglaterra anglo-saxã” (ALBUQUERQUE, 2012, p. 40). Da mesma forma, *The Anglo-saxon Chronicle*, que traz, de forma cronológica, relatos de eventos significativos da Inglaterra anglo-saxã.

Em sua Tese de Doutorado intitulada *As relações identitárias entre anglo-saxões e escandinavos: uma comparação do reino de Wessex com a região da Danelaw (Séculos IX-X)* (2017), pelos vieses da História Comparada e da Análise do Discurso, Isabela Albuquerque defende a questão da identidade presente nas relações entre os dois povos medievais no território



inglês, ao fazer uma leitura das fontes documentais, inclusive, as duas aqui referidas. Em um primeiro momento, ela identifica a forte presença do cristianismo nessas fontes. Por exemplo, ela denota dois fatos presentes na *The Life of King Alfred*:

Com relação aos episódios narrados na primeira parte da *Vita*, duas questões chamam nossa atenção. A primeira é a linhagem de Alfred e sua relação com personagens bíblicas veterotestamentárias. Dentre os descendentes do rei de Wessex estão Seth, Noé, Enoque até chegar a Adão.

Outro relato que nos chama atenção é a peregrinação de Alfred a Roma, na qual o papa Leão IV – possivelmente – já apontava Alfred como futuro rei, ordenando-o propriamente e confirmando o mesmo como seu filho adotivo. Se a passagem relatada por Alfred é verdadeira ou não, não sabemos. (ALBUQUERQUE, 2017, p. 69)

A autora menciona uma possível falta de veracidade nesses relatos. Mesmo assim, sua descrição mostra como a visão dessa fonte valorizava as relações cristãs com a vida anglo-saxã, consolidada na figura do rei Alfred.

O outro documento, *The Anglo-saxon Chronicle*, engloba vários manuscritos aparentemente escritos ao mesmo tempo, mas em diferentes regiões, o que faz haver algumas diferenças entre eles. Com o fito de trazer algumas referências para este estudo, elegemos a tradução de Michael Swanton, de *The Anglo-Saxon Chronicle*, especificamente a edição de 1997, em que o tradutor procura unir os manuscritos de modo que se complementem e formem uma versão integral da crônica. Nessa edição de Swanton não se tem a tradução completa de cada manuscrito. Ainda assim, a tradução está bem referenciada, com explicações complementares nos trechos.

Albuquerque (2017) observa, em *The Anglo-Saxon Chronicle*, um certo sincretismo entre as crenças pré-cristãs dos anglo-saxões e o cristianismo, destacando que isso possivelmente se deve ao processo de construção de identidade dos povos anglo-saxões. Mesmo assim, nota-se que a Igreja Católica ocupa maior parte do espaço nesse texto:

Nas ASC encontramos uma série de referências ao passado pré-cristão, muito embora no momento em que o texto passou a ser compilado, já fossem os reinos anglo-saxões cristianizados. Todavia, a presença de elementos culturais anteriores ao cristianismo não relativiza a crença desses povos, mas nos mostra que eles estavam inseridos numa tradição cultural que remetia ao período anterior às migrações para a ilha e que esta tradição fazia parte de sua construção identitária enquanto grupo.

É justamente durante o período de Alfred, momento em que as ASC começavam a ser compiladas, que o sincretismo entre o passado pagão e o passado bíblico se encontram, ligando os primeiros patriarcas do livro dos

Gênesis a figuras do período pré-cristão e construindo a lógica das novas genealogias régias.

[...] O início da narrativa são as Ilhas Britânicas e a história do Império Romano a partir da chegada de Júlio César. Eventos do continente europeu e de outras partes do mundo também são por vezes destacados, sobretudo os que estão relacionados à história da Igreja. (ALBUQUERQUE, 2017, p. 65-66)

Os historiadores, ao utilizarem *The Anglo-saxon Chronicle* e *The Life of the King Alfred*, valorizam o seu caráter literário, que, por serem narrativas, trazem em si aspectos ficcionais. Contudo, assevera-se que é notável nesses textos a intenção de registrar e documentar eventos, sem um propósito especificamente literário e/ou artístico. Talvez isso seja compreensível ao se deter na seguinte afirmação de Peter Gay: “a história é uma arte durante boa parte do tempo, e uma arte por ser um ramo da literatura” (GAY, 1980, p. 168 *apud* WEINHARDT, 2011, p. 19).

### 3 *The Last Kingdom*: um breve resumo

As duas fontes medievais aqui citadas documentam a história inglesa no período das invasões escandinavas sob uma ótica cristã. Diferentemente, em *The Last Kingdom* há personagens reais (ou melhor, representações desses), como o rei Alfred e os irmãos Lothbrok, e fictícios, como o próprio protagonista, Uhtred. Tais personagens convergem para representar ou “figurar” uma nova história, para dar voz àqueles que foram silenciados pelos documentos históricos da Inglaterra anglo-saxônica, apenas relatadas pelo ponto de vista do “outro”. Nesse caso, são os escandinavos sendo descritos pelo ponto de vista dos anglo-saxões.

Para o período anglo-saxão, o clérigo Henry de Huntingdon (1088-1154) afirmava a existência de sete reinos que mais tarde uniriam-se para formar a nação: Sussex, Wessex, Essex, Kent, Mércia, Ânglia Oriental e Nortúmbria<sup>3</sup> (FORESTER, 1853). A narrativa ficcional de Cornwell promove a memória da formação da Inglaterra, pois descreve acontecimentos do período do reinado de Alfred (871-899), no qual teve início um projeto político que almejava a união desses pequenos reinos, para que o sonho de construir “uma Inglaterra” se consolidasse.

A história do protagonista, Uhtred, em *The Last Kingdom* (2004) começa em 866 d. C. Para esse período, apenas quatro grandes reinos prevaleciam, como apresentado pela ficção de

---

<sup>3</sup> O termo “heptarquia” começou a ser utilizado a partir do século XVI, para referir-se a esses sete reinos.

Cornwell: Nortúmbria, Mércia, Ânglia Oriental e Mércia. A fortaleza de Bebbanburg, localizada na Nortúmbria, era governada pelo pai biológico de Uhtred, coincidindo com a chegada dos dinamarqueses ao local. Uhtred era um menino anglo-saxão de nove anos de idade quando foi capturado pelos invasores após a batalha que resultou na morte de seu pai biológico. A partir desse momento, ele ganha uma nova família, que o envolve em uma nova cultura.

Bebbanburg (Castelo de Bamburgh) passa a ser governada por seu tio, Ælfric, que trama a sua morte para evitar futuras exigências do verdadeiro herdeiro daquelas terras. Esse evento incita no protagonista a vontade de vingança e de recuperar as terras que seriam suas por lei. Esse é o principal objetivo de Uhtred durante toda a narrativa de *Saxon Stories*.

O *earl* dinamarquês Ragnar cria Uhtred como seu próprio filho, que aprende a amar os dinamarqueses. Ele abandona sua fé cristã nativa e abraça os deuses da religiosidade nórdica. Uhtred aprende a lutar, e, uma vez que tinha idade suficiente, junta-se ao Grande Exército Pagão, liderado pelos filhos de Lothbrok, Ubba Lothbrokson e Ivar, o Desossado. Ragnar fez juramento para servir Ivar, e, dessa forma, Uhtred segue sua liderança. Como soldado no exército de Ivar, Uhtred invade a Ânglia Oriental e a Mércia, ajudando-os a conquistar a maior parte da Inglaterra saxônica. Uhtred percebe nesse momento que ele nasceu para ser um guerreiro em batalha e que ele se situa entre os poucos homens que realmente apreciam o massacre e a loucura da parede de escudos – uma estratégia militar muito popular na Antiguidade e Idade Média.<sup>4</sup>

O personagem passa, dessa forma, a se sentir dividido entre o amor que sente pelos dinamarqueses e o sentimento de dever às suas antigas origens anglo-saxãs. Esses conflitos identitários são fortalecidos quando seu pai adotivo dinamarquês, Ragnar, é morto traiçoeiramente por Kjartan, um dinamarquês de seu grupo, fazendo com que Uhtred, então um adolescente, juntamente com sua amiga e companheira anglo-saxã, Brida, que também havia sido tomada pelo grupo de dinamarqueses, vão em procura de Alfred, o rei de Wessex.

O filho de Ragnar, também chamado Ragnar, volta da Irlanda e reencontra Uhtred e Brida. Uhtred também volta a conviver com seu velho amigo Beocca, que era padre em Bebbanburg, mas que se tornara servidor de Alfred no Wessex. O sacerdote provoca Uhtred a fazer o juramento de que serviria o rei Alfred enquanto guerreiro, o que acaba sucedendo-se. Ragnar e Brida insistem com o amigo Uhtred para que se junte a eles para seguir sua vida como um *viking*. Mesmo tentado

---

<sup>4</sup> Este parágrafo é uma adaptação do Plot (enredo) apresentado em: <http://allreaders.com/book-review-summary/the-last-kingdom-saxon-chronicles-1-39526>. Acesso em: 10 jun. 2019.

com o convite, Uhtred permanece em Wessex. Por conseguinte, Uhtred casa com Mildrith, uma anglo-saxã muito devota, ação que foi praticamente ordenada pelo rei Alfred, com a promessa de novas terras ao guerreiro. Entretanto, depois de casado, Uhtred descobre que sua esposa possui apenas uma herança de dívidas à Igreja, que foram deixadas por seu pai.

O breve resumo mostra como a trajetória de Uhtred é constituída pela transição entre o contexto anglo-saxão para o escandinavo. Em suma, o contexto histórico, que serve como pano de fundo da narrativa, no primeiro volume, como referenciado, trata dos primeiros ataques dos dinamarqueses aos anglo-saxões (no século IX), até o momento em que Wessex passa a ser o último reino a resistir. A partir desses fatos, que focam na história de Alfred e Wessex, o roteiro envolve a história de outras regiões britânicas, como a Nortúmbria e regiões que até então não faziam parte do complexo anglo-saxão.

#### 4 Inglaterra no século IX: breve contextualização

Os anglo-saxões e os escandinavos são ambos pertencentes ao grupo germânico, o que infere que há certo parentesco entre eles. O primeiro ponto que os afastaria são os quase quinhentos anos de história, desde o momento em que os grupos formadores (anglos, jutos, saxões e outros) dos anglo-saxões saíram de suas regiões para migrar aos territórios da *Britannia* e fundir uma nova cultura. Mas o que realmente os distingue, em sua particularidade, consequência, claro, desse período de migrações, é a conjectura de terem sido cristianizados. A religião os transformou praticamente em grupos opostos nesse contexto histórico que analisamos. Contudo, há resquícios de sua proximidade que perduram até hoje, excepcionalmente por meio da própria língua inglesa.

No século IX, período em que nos concentramos, pode-se asseverar que os anglo-saxões eram quase totalmente cristianizados, já que nesse momento seus governantes proferiam seriamente a fé cristã, como se observa nos documentos históricos, a exemplo de *The Anglo-Saxon Chronicle* e *The Life of King Alfred*. Entretanto, pode-se sugerir que nesse período ainda existissem alguns anglo-saxões que guardavam as memórias de seus ancestrais. Albuquerque (2017) descreve que os próprios anais de *The Anglo-Saxon Chronicle* apresentam essas



memórias, não no sentido religioso, mas com o fim de revitalizar a identidade dos povos habitantes das terras inglesas.

O período de migrações dos povos escandinavos costuma ser denominado Era Viking. Johnni Langer explica que a Era Viking é tradicionalmente dividida em dois períodos. A Primeira Era Viking, que começa “com as incursões hostis, os ataques de surpresa (razias) no final do século VIII e as povoações criadas na região escocesa, britânica e francesa” (LANGER, 2017, p. 212), é o período que nos interessa, por ser o contexto histórico do nosso objeto de estudo. Logo após, vem a Segunda Era Viking, “caracterizada pela criação de dinastias permanentes e do processo intensificado de cristianização [...]” enquanto os mercadores escandinavos ainda afetavam “[...] o processo de urbanização da Europa” (LANGER, 2017, p. 212).

Na primeira fase da Era Viking, os escandinavos possuíam crenças pré-cristãs, semelhantes às crenças dos antigos anglo-saxões, que cultuavam vários deuses. Na Segunda Era Viking, os povos escandinavos passam pelo processo de cristianização, e como Langer pontua, citando Henry Lyon, “um escandinavo deixava de ser um viking quando se tornava um cristão” (LANGER, 2017, p. 212). Como se acredita que os *vikings* não utilizavam nenhum termo para denominar suas crenças, essas costumam ser chamadas hoje de “paganismo nórdico”. Johnni Langer explica que “segundo Boyer, ocorriam práticas religiosas e não uma única religião” (LANGER, 2015, p. 357). Por isso, não podemos entender o chamado “paganismo nórdico” como uma prática uniforme. As crenças e a preferência por alguns deuses podiam variar conforme a região da antiga Escandinávia.

Segundo a *The Anglo-Saxon Chronicle*, o primeiro ataque violento dos *vikings* aos habitantes das terras inglesas ocorreu durante a primavera do ano de 793. Um grupo de nórdicos teria chegado ao noroeste da Inglaterra, atacando um monastério. Não apenas levaram suas riquezas, como mataram muitos monges e levaram outros como escravos. Os manuscritos da Crônica registram que nesse mesmo ano, “presságios terríveis chegaram às terras da Nortúmbria, assustando miseravelmente o povo: [...] imensos relâmpagos de luz, e dragões flamejantes foram vistos no ar” (SWANTON, 1997, p. 55) (tradução nossa)<sup>5</sup>. Em rodapé, Swanton sugere que talvez esses “presságios” relatados poeticamente podem se referir literalmente a cometas de cauda comprida que se mostraram na região, como também ao mau tempo. Mas, a própria palavra

---

<sup>5</sup> “[...] terrible portents came about over the land of Northumbria, and miserably frightened the people: [...] immense flashes of lightning, and fiery dragons were seen flying in the air” (SWANTON, 1997, p. 55)

“presságio”, em inglês “portent”, já indica que os anglo-saxões receberam sinais do que viria, já que em seguida registra-se que “uma grande fome se devastou logo após esses sinais” e o ataque de pagãos que “miseravelmente devastou a igreja de Deus na ilha de Lindisfarne através de saques e carnificina” (SWANTON, 1997, p. 57) (tradução nossa)<sup>6</sup>.

Outros ataques sucederam-se após esse evento, não apenas nas ilhas Britânicas. A maioria dos grupos de nórdicos exploradores desse período eram membros de uma elite: “Pessoas perseguidas em suas regiões de origem ou que buscavam riqueza, glória e fama através de aventuras, essa elite que se deslocava era marcada por um grupo seletivo de viajantes” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 142). A chamada Era Viking caracterizaria-se pelo temor e horror que os guerreiros nórdicos levaram a quase toda a velha Europa.

Nos anos que se seguiram, os Vikings realizaram diversos outros mais ou menos desorganizados, porém, desastrosos ataques a mosteiros em ilhas e nas costas inglesa e escocesa, principalmente na Northúmbria. Então, ainda conforme os registros das *Crônicas*, em 865 um exército habilmente organizado desembarcou na Ânglia Oriental, liderado por Ivar Ragnarsson (ou Ivar the Boneless “Sem-Ossos”) e seu irmão Halfdan filhos de Ragnar Lothbrok (*Loôbrók*), e no decorrer dos quinze anos seguintes se apossaram de praticamente toda parte oriental da Inglaterra. (OLIVEIRA, 2016 p. 33)

Os manuscritos da *The Anglo-Saxon Chronicle* indicam diferenças elementares entre os ataques ocorridos na primeira metade do século IX e os da segunda metade. Os primeiros “referem-se apenas à presença de um *exército (here)*, que deixa a região ocupada tão logo “a paz é feita”, certamente após o pagamento para tal finalidade” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 118). Portanto, os invasores estariam preocupados apenas pela aquisição de bens valiosos (seja por meio de ataques violentos, seja por meio de acordos/tratados de paz). Já os registros que relatam os segundos ataques “aludem a um *grande exército (micel here)*, o que nos sugere que os escandinavos viessem, de fato, em maior número que nos anos anteriores” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 118), o que nos sugere o objetivo de ocupação territorial por parte desses povos.

Acredita-se que os principais invasores das ilhas britânicas foram os daneses, em inglês “*danes*”, ou como descrita na tradução brasileira da narrativa ficcional de Cornwell, os dinamarqueses. Em *The Last Kingdom*, o protagonista Uhtred explica que os invasores

---

<sup>6</sup> “a great famine immediately followed these signs” [...] “miserably devastated God’s church in Lindisfarne island by looting and slaughter” (SWANTON, 1997, p. 57)

escandinavos “eram chamados de vikings quando faziam ataques e pilhagens, mas de dinamarqueses ou pagãos quando eram comerciantes” (CORNWELL, 2006, p. 24)<sup>7</sup>. Michael Drout (2006) explica que “danés” era um termo comumente utilizado pelas populações locais para se referir a todos os escandinavos, fossem eles provenientes das regiões da Dinamarca, Noruega ou outras regiões da Escandinávia.

O chamado “Grande Exército Pagão” desembarca na Inglaterra em 865. Nos anos seguintes, que vão até 875, o exército conquista vários territórios, como os reinos da Ânglia Oriental e Mércia. Os motivos que levaram à chegada desse grande exército são incertos, “inclusive se desconhece de quem teria sido a ideia para empreender ousada campanha para conquistar territórios na Inglaterra” (OLIVEIRA, 2017, p. 325). Entretanto, as memórias que emergem desse contexto permeiam não apenas o contexto inglês, mas, em especial, as sociedades escandinavas, como podemos notar pela seguinte explicação:

[...] alguns relatos da época apontam que o motivo do ataque dos nórdicos deveu-se ao intuito de vingar a morte de Ragnar Lothbrok. Três supostos filhos do herói, Ivar Sem Ossos, Halfdan e Ubba, teriam incentivado chefes dinamarqueses e noruegueses a formar uma coalizão. Segundo a *Saga de Ragnar Lothbrok*, o herói foi executado num poço de cobras pelo rei Aella da Nortúmbria e com isso seus três filhos teriam liderado um poderoso exército para vingar a morte do pai e conquistar a Inglaterra. (OLIVEIRA, 2017, p. 325)

Ragnar Lothbrok é um dos grandes nomes *vikings* imortalizado pela memória escandinava, principalmente por meio da literatura medieval. De acordo com Miranda (2017), sua popularidade nas narrativas medievais escandinavas, por ser considerado um rei lendário ou semilendário do período viking, praticamente certificam que Ragnar não tenha existido conforme as suas representações nas narrativas míticas. Os debates acadêmicos indicam que há a possibilidade de esse “personagem mitológico ser o resultado de um amálgama entre vários personagens históricos, ou produto do imaginário escandinavo da Era Viking, e, principalmente, de épocas posteriores” (MIRANDA, 2017, p. 583), sendo que:

As narrativas em torno de Ragnar Lodbrok contribuíram muito para a imagem romântica que possuímos dos vikings, haja vista que o personagem possui uma vida pautada pela aventura nos mares, pelo saque aos reinos cristãos e pela violência em combate e em morte, ideais também atribuídos aos seus

---

<sup>7</sup> “[...] were called Vikings when they were raiders, but Danes or pagans when they were traders” (CORNWELL, 2005, p. 12)

filhos. Mas a sua figura também contribui para construir um exemplo de como os escandinavos na Idade Média imaginaram o seu passado heroico. (MIRANDA, 2017, p. 583)

As narrativas em torno do lendário Ragnar sugerem que os três possíveis responsáveis pela armada danesa são supostamente seus filhos. Muito provável, Ivar (Hingwar), Halfdan e Ubba foram personagens históricos reais, pois não somente as sagas escandinavas citam esses nomes, mas também alguns documentos históricos anglo-saxões. Todavia, a ausência de material arqueológico que vai além da ficção literária deixa incertezas quanto à possível irmandade desses três e sua relação sanguínea com a figura de Ragnar Lothbrok. Na narrativa de Cornwell, a identidade de Ivar, Halfdan e Ubba, enquanto “irmãos Lothbrok”, é mantida. Entretanto, o pai Ragnar nunca é mencionado. Temos, por outro lado, outro personagem Ragnar, fictício e dinamarquês, que é jurado a Ivar. Seria a intenção da narrativa trazer um exemplo de um personagem Ragnar, que poderia se fundir com outros “Ragnares” que foram o lendário Lothbrok? Deixemos esse questionamento.

Como já mencionado, o contexto dominante em *The Last Kingdom* inicia apresentando uma trama histórica desenrolada a partir do estabelecimento escandinavo na Inglaterra no século IX, mais especificamente quando o exército dinamarquês capturou York e tomou o poder de Nortúmbria, em 869. Em 871, o exército dos dinamarquês chega a Wessex. No ano seguinte, o rei Athelred e seu irmão Alfred organizaram-se em defesa dos ataques, e “após meses de lutas contra os escandinavos, o rei de Wessex morre, deixando seu irmão como sucessor” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 118). O rei de Mércia, Burgred, exilou-se em Roma, em 873. O último reino a resistir foi Wessex. Inclusive, esse episódio se concentra em nosso objeto de estudo, cujo nome já indica *The Last Kingdom*.

A maior vitória militar de Alfred contra os nórdicos, de acordo com Albuquerque, foi “sem dúvida, a Batalha de Edington (878) (Ethandun, como colocado por Cornwell, que busca manter a toponímia da época em sua narrativa), na qual os anglo-saxões garantiram reféns do lado escandinavo [...]” e “[...] promessas de que o exército invasor deixaria o reino e de que o rei Guthrum seria batizado” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 120). Em resumo, o rei Alfred não conseguiu derrotar e expulsar os dinamarquês, mas assegurou a paz – por pouco tempo – ao assinar um acordo com o rei Guthrum, que ficou conhecido como *Treaty of Wedmore*, que atribuiu “a delimitação das fronteiras de uma área que seria restrita a lideranças danesas, deixando Wessex,

pelo menos por ora, fora do foco dos escandinavos” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 120). Além disso, o acordo também reivindicava o batismo de Guthrum e sua agregação ao sistema de liderança dos anglo-saxões. Assim, o território inglês passa a ser dividido em dois reinos: Wessex – o reino dos anglo-saxões - e Danelaw – território governado pelos escandinavos.

Uma das grandes consequências desses embates culturais e políticos confere que “a luta contra os escandinavos representará o último elo organizador da identidade inglesa, a partir da presença de um inimigo estrangeiro e comum aos outros reinos da ilha” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 141). Nessa perspectiva, o próprio autor da série, Bernard Cornwell, defende que “a história da criação da Inglaterra é na verdade uma narrativa de como os saxões reivindicam seus reinos perdidos, começando no sul e seguindo inexoravelmente para o norte” (CORNWELL, 2016, p. 347).

Em suma, o destino de Uhtred se conjuga com a história de formação da Inglaterra. Em seu ensaio intitulado “A criação da Inglaterra”, presente no sexto livro da série, *Morte dos Reis* (2014), Cornwell procura descrever resumidamente acerca do fio condutor das narrativas de Uhtred.

As Crônicas observam que Alfredo foi “rei de todos os ingleses”, mas então acrescentam a advertência cautelosa e crucial, “a não ser pela parte que estava sob domínio dinamarquês”. Na verdade, boa parte do que iria se tornar a Inglaterra estava sob domínio dinamarquês; toda a Nortúmbria, toda a Ânglia Oriental e os condados da Mércia mais ao norte. Sem dúvida Alfredo queria ser rei de todos os ingleses, e na ocasião de sua morte ele era de longe o líder mais notável e poderoso entre os saxões, mas seu sonho de unir todas as terras onde o inglês era falado não se realizara. No entanto, ele teve a fortuna de ter um filho, uma filha e um neto que eram tão comprometidos com esse sonho quanto ele próprio e com o tempo o fizeram acontecer. Essa é a história por trás destas narrativas de Uhtred; a história da criação da Inglaterra. (CORNWELL, 2014, p. 373)

Em *The Last Kingdom* há constantemente descrições do relacionamento entre os anglo-saxões e escandinavos, o que nos faz refletir acerca das possíveis implicações para a constituição de identidades locais e, principalmente, na identidade inglesa de um modo geral. Essas relações e impactos são observados na narrativa englobando diversos aspectos: acordos políticos, religião, geografia, alimentação e costumes, e não menos importante, na língua.

A partir desses fundamentos e primeiros eventos históricos o romance de Cornwell se desenrola, levando em consideração a vida do protagonista e sua participação fictícia na história da formação da Inglaterra, que se deve, primordialmente, às persistentes tentativas de expulsão dos invasores escandinavos. Outrossim, interessa pontuar que a série *Saxon Stories*, de um modo geral, exterioriza várias circunstâncias que reverberam as relações das duas culturas em foco, anglo-saxã e escandinava, que mantiveram contato por tanto tempo até se fundirem nos diferentes aspectos da cultura inglesa, especialmente na língua, política e geografia.

## 5 Entre a ficção e o real

É indiscutível que *The Last Kingdom*, bem como todos os outros volumes de *Saxon Stories*, envolve principalmente o embate de poderes dos povos anglo-saxões e escandinavos, levando a ampliar reflexões acerca dos confrontos entre cristãos e pagãos. Nessa perspectiva, a série em estudo, ao relacionar personagens fictícios e reais, oportuniza uma leitura histórica da época relatada. As produções de Cornwell possuem um papel significativo quando se trata de criar e manter memórias, bem como questionar o fazer historiográfico do período histórico que narra em suas ficções.

Quando se trata de gênero literário, afirma-se que Bernard Cornwell é um escritor de ficção-histórica, atingindo a um público interessado por história. Nesse sentido, o autor britânico é um investigador da história juntamente com seus leitores, como argumenta Carlos Sanz Mingo, em seu livro *The Arthurian World in Bernard Cornwell's The Warlord Chronicles* (2017), ao introduzir a ideia de que Bernard Cornwell escreve romances históricos. Mingo difere o romance tradicional do romance histórico, destacando o papel do escritor enquanto leitor da história.

O precursor dos estudos acerca de romances que procuram narrar a história foi György Lukács. Mingo utiliza-se, em um primeiro momento, dos preceitos de Lukács para estabelecer que *The Warlord Chronicles*, obra de Cornwell que analisa, é um romance histórico:

[...] Lukács define que qualquer romance histórico não é um romance completo se não seguir esses três pontos:  
(a) Os personagens devem estar situados em um contexto histórico.  
(b) Deve haver uma impressão de verossimilhança ou realismo histórico.



(c) O romance deve oferecer a possibilidade de criticar e analisar eventos atuais através da narração do passado. (MINGO, 2017, p. 15) (tradução nossa)<sup>8</sup>

Seguindo essa perspectiva, afirma-se que a série *Saxon Stories* de Cornwell pertence ao gênero ficção-histórica. Há personagens fictícios e a representação de personagens reais, todos situados em um mesmo contexto histórico e geográfico: o século IX na Inglaterra. Mingo (2017), acentua que na obra *The Warlord Chronicles*, Bernard Cornwell não apenas situa seus personagens em um contexto histórico, mas também coloca personagens reais históricos para interagir com personagens comuns da sua narrativa ficcional. Da mesma forma, em *The Last Kingdom*, observa-se que o próprio protagonista não é um personagem icônico da história, como o Rei Alfred, mas sim um personagem fictício que interage com essa e outras grandes figuras históricas, como os irmãos Lodbrok.

A verossimilhança da narrativa de Cornwell com a “realidade histórica” é bem característica, além de, no final do volume, o autor deixar uma “Historical Note”, em que justifica os limites do que é ficção e do que é baseado em fatos reais em sua obra. Conforme a leitura de Marilene Weinhardt (2011) acerca de György Lukács, “o bom romance histórico resulta da compreensão do relacionamento entre o passado histórico e o tempo presente” (WEINHARDT, 2011, p. 29). Ou seja, o romance histórico não deve ser construído com o fim de fugir do tempo presente. Primeiramente, entende-se que os fios que conectam a relação entre o presente e o passado são constituídos principalmente pela memória. Dessa forma, entende-se que a ficção histórica pretende “seduzir-nos com a memória dos homens e dos fatos que vieram antes de nós” (BASTOS, 2007, p. 13).

Em *The Last Kingdom*, Cornwell deixa rastros dessa relação ao incitar reflexões acerca do processo de formação da Inglaterra, principalmente no que tange às influências do relacionamento entre os povos escandinavos e anglo-saxões. Por exemplo, reflete-se a respeito dessas influências na Língua Inglesa, na formação de hábitos e costumes da sociedade inglesa, e, principalmente, da predominância do cristianismo, não somente enquanto religião, mas como regente ideológico.

---

<sup>8</sup> “[...] Lukács states that any historical novel is not a complete novel if the following three points are not taken into account: (a) The characters have to be placed within a historical context. (b) There must be an impression of historical verisimilitude or realism. (c) The novel has to offer a possibility to criticise and analyse current affairs and events through a narration of the past.” (MINGO, 2017, p. 15)

Não se pode afirmar que as narrativas *The Anglo-saxon Chronicle* e *The Life of King Alfred* certificam a realidade histórica que relatam, pois, ao repetir tal realidade, por meio das palavras, a modificam. De mesmo modo, a série *Saxon Stories*, ao repetir a história relatada nos textos medievais, a torna nova e diferente. São realidades que existem pela linguagem. Ao mesmo tempo, essas representações geram reflexões acerca do que é real na história: os textos medievais, vistos aqui enquanto documentação histórica, auxiliam historiadores na tentativa de reformular o passado; por outro lado, o texto literário de Cornwell, por meio da memória, cria uma nova realidade histórica que possibilita aos leitores um conhecimento panorâmico dos acontecimentos históricos ditos “reais”, mas que, ao mesmo tempo, gera questionamentos e reflexões críticas acerca do que se conhece do “real histórico” relatado.

De acordo com Weinhardt, com base nas ideias de André Daspre, o romance histórico deve propor uma “forma de representação objetiva da história [...]” sendo o romancista capaz de fazer uma “[...] análise de uma época tanto quanto o historiador” (WEINHARDT, 2011, p. 32). Portanto, questiona-se: de que forma o real é representado pela historiografia? Na prática, percebe-se que pesquisadores contemporâneos, a exemplo da brasileira Isabela Albuquerque, se apropriam de diversas fontes, como as narrativas da Inglaterra anglo-saxônica, com o fim de representar a história, cada um conforme suas leituras e interpretações, trazendo assim novos significados. Roland Barthes caracteriza o discurso histórico enquanto “elaboração ideológica” e, complementa, que “o fato nunca tem mais do que existência linguística [...], e, no entanto, tudo se passa como se sua existência não fosse senão a cópia pura e simples de outra existência, situada num campo extra-estrutural, o ‘real’” (BARTHES, 1988, p. 115).

Baseando-se nos conceitos de Benedito Nunes, Weinhardt explica que “o conceito de representação é uma falácia [...]” tanto para a ficção quanto para a historiografia, pois, “é impossível reconstruir o que já não existe [...]” (WEINHARDT, 2011, p. 21). Nesse sentido, por mais fontes e documentos que estejam ao alcance tanto do historiador quanto do ficcionista, “é preciso recorrer à imaginação para estabelecer nexos entre eles de modo a recriar os fatos, ou melhor, criá-los, visto que a recriação é uma impossibilidade” (WEINHARDT, 2011, p. 21). De acordo com Weinhardt, Nunes chamaria a representação de “figuração”, e o ato de leitura de “reconfiguração”. Entretanto, é preciso assinalar, em um primeiro momento, que “o discurso histórico e ficcional podem se aproximar, mas não se confundem” (WEINHARDT, 2011, p. 25),

pois, mesmo sendo duas construções verbais, “a narrativa histórica se constrói sobre fatos reais, e narrativa ficcional sobre fatos imaginários” (WEINHARDT, 2011, p. 21).

Entende-se que as narrativas do real acontecem de diferentes formas no trabalho historiográfico e no trabalho ficcional. A organização e a interpretação que definem o trabalho do historiador no momento de representar, ao passo que o ficcionista concebe “uma representação desestabilizadora do mundo [...], uma representação desestabilizante das representações” (COSTA LIMA, 1989, p. 102). Tal pensamento converge com a visão aristotélica de que o historiador “narra acontecimentos” e o poeta, “fatos que poderiam acontecer” (BASTOS, 2007, p. 18).

Linda Hutcheon, um dos nomes mais expressivos quando se trata de repensar a ficção-histórica no contexto do pós-modernismo, cunhou o termo “metaficção historiográfica”. Em sua obra *Poética do Pós-modernismo* (1991), a autora já começa acentuando que tanto a história quanto a ficção são “criações humanas” (HUTCHEON, 1991, p. 22). Nessa perspectiva, recusa-se e questiona-se a ideia de que apenas a história objetiva alcançar a verdade, sendo que história e ficção são ambos “discursos, construtos humanos, sistemas de significação [...]”, e por isso, as duas são capazes de obter sua “[...] pretensão à verdade” (HUTCHEON, 1991, p. 127).

Importa acentuar que a metaficção historiográfica diferencia-se da ficção-histórica tradicional do século XIX. Para consolidar sua defesa, Hutcheon contesta Lukács<sup>9</sup>, que, segundo ela, defendia que “o romance histórico poderia encenar o processo histórico por meio da apresentação de um microcosmo que generaliza e concentra [...]”, o que significa que “[...] o protagonista deveria ser um tipo, uma síntese do geral e do particular” (HUTCHEON, 1991, p. 151). Hutcheon especifica que na metaficção historiográfica, por outro lado, os protagonistas podem ser tudo, menos tipos propriamente ditos: “são os ex-cêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional [...]” sendo que “[...] até os personagens históricos assumem um *status* diferente” (1991, p. 151). Nesse sentido, “a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico [...]” o que faz com que “[...] certos detalhes históricos conhecidos [...]” sejam “[...] deliberadamente falsificados para ressaltar as possíveis falhas mnemônicas da história registrada” (HUTCHEON, 1991, p. 152).

---

<sup>9</sup> É importante denotar que György Lukács (1885-1971) e Linda Hutcheon (1947- ) pertencem a momentos históricos diferentes, o que contribui para que Hutcheon procure avançar as ideias do pensador.

Hutcheon contesta também a defesa de Lukács de que os personagens históricos devem atuar na narrativa ficcional por meio de papéis secundários. Para o estudioso marxista, os heróis não deveriam ser as grandes figuras históricas, pois para ele não importava repetir os grandes acontecimentos, mas sim colocar em cena a esfera popular que vivenciou tais experiências. Nas palavras do autor, “os acontecimentos mais corriqueiros e superficiais, as mais miúdas relações [...] são mais apropriadas que os grandes dramas monumentais da história mundial” (LUKÁCS, 2011, p. 60). Por esse viés, Lukács diferencia o romance da epopeia, sendo o primeiro destinado a refletir a classe popular da sociedade, enquanto o segundo é protagonizado pelas figuras estimadas pela história.

Hutcheon, entretanto, refuta essa ideia que ocorre em muitos romances históricos tradicionais, nos quais, nas palavras dela, “as figuras reais do passado são desenvolvidas com o objetivo de legitimizar ou autenticar o mundo ficcional com sua presença, como se para ocultar as ligações entre ficção e história com um passe de mágica ontológico e formal” (HUTCHEON, 1991, p. 152). A autora explica que isso não acontece na metaficção historiográfica, pois esta “adota uma ideologia pós-moderna de pluralidade e reconhecimento da diferença” (HUTCHEON, 1991, p. 152).

Entretanto, inserimos *Saxon Stories* tanto em alguns parâmetros do romance histórico tradicional, como da metaficção historiográfica, pois a obra é uma conexão do passado com o tempo presente (LUKÁCS, 2011), por meio da memória, e oferece diversos questionamentos acerca da criação historiográfica e ficcional (HUTCHEON, 1991). Por meio da análise comparativa a ser feita a seguir, entre os documentos medievais e o volume *The Last Kingdom*, será possível observar um romance histórico, pois segue algumas das perspectivas lukacsianas. Ao mesmo tempo, também identificamos que a obra possui um teor “metanarrativo”, ao protestar contra a “verdade histórica” contada, em grande parte, pelo cristianismo anglo-saxão, inserindo-se assim nos pressupostos do pós-modernismo de Hutcheon, que concebem a metaficção-historiográfica. Bernard Cornwell, nesse sentido, incorpora as interfaces dessas duas correntes teóricas.

## 6 Entre anglo-saxões e escandinavos: cristianismo versus paganismo



A ideia de existência de partilha cultural e de memórias entre anglo-saxões e escandinavos é bem difundida na narrativa de Cornwell, que mostra com frequência personagens anglo-saxões que fingem ser cristãos, mas ainda cultuam os antigos deuses germânicos, ou que são cristãos, mas demonstram certo saudosismo a essa cultura:

Minha mãe queria que nossa bandeira mostrasse a cruz, mas meu pai tinha orgulho dos ancestrais, ainda que raramente falasse de Woden. Mesmo com nove anos eu entendia que um bom cristão não deveria alardear que fora gerado por um deus pagão, mas também gostava da idéia de ser descendente de um deus [...] (CORNWELL, 2006, p. 21)<sup>10</sup>

Nesse excerto, Uhtred, ao narrar acerca de sua família saxã, confessa o orgulho que seu pai sentia de suas origens pagãs e demonstra ter consciência do fato de que como viviam em uma sociedade já dominada pelo Cristianismo. Entretanto, assim como Albuquerque (2017) pontua, as memórias que remetem a um passado pré-cristão também participavam das aspirações do próprio Alfred em firmar uma identidade inglesa. Dessa forma, ao investir na escrita, Alfred não propunha apenas centrar-se nas “Sagradas Escrituras e no mundo celeste”, mas também, ao adotar o idioma vernacular (o *Old English*), e não apenas o Latim, apoiava o registro “de tradições do mundo pré-cristão” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 119).

As práticas pagãs pelos anglo-saxões, e não especificamente suas memórias, eram consideradas transgressoras, como podemos verificar melhor no diálogo entre o menino Uhtred e seu pai:

— O corvo é uma criatura de Woden, não é? — perguntei nervoso. Meu pai me olhou, desaprovando.  
— Quem lhe disse isso?  
Dei de ombros, sem responder.  
— Ealdwulf ? — adivinhou ele, sabendo que o ferreiro de Bebbanburg, que tinha ficado na fortaleza com Ælfric, era pagão em segredo.  
— Só ouvi — respondi, esperando me livrar com a evasiva sem levar um tapa — e sei que somos descendentes de Woden.  
— Somos — admitiu meu pai —, mas agora temos um novo Deus. (CORNWELL, 2006, p. 29)<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> “My mother wanted our banner to show the cross, but my father was proud of his ancestors, though he rarely talked about Woden. Even at nine years old I understood that a good Christian should not boast of being spawned by a pagan god, but I also liked the idea of being a god’s descendant [...]” (CORNWELL, 2005, p. 9)

<sup>11</sup> “The raven is Woden’s creature, isn’t it?” I asked nervously. My father looked at me sourly. ‘Who told you that?’ I shrugged, said nothing. ‘Ealdwulf?’ He guessed, knowing that Bebbanburgh’s blacksmith, who had stayed at the

Apesar de seu pai demonstrar certo “orgulho” pela possível descendência que possui de um deus pagão, ele aceita e reafirma o Deus cristão. Mas, chama a atenção outro personagem: Ealdwulf, adepto das práticas “pagãs” em segredo. A maior parte dos documentos cristãos medievais faz a oposição cristãos *versus* pagãos, de modo que signifiquem o mesmo que anglo-saxões *versus* escandinavos: ou seja, considerava-se que todo anglo-saxão era cristão. Como pode ser verificado no trecho citado, *Saxon Stories* pretende denunciar essa crença: nem todo anglo-saxão era cristão, o que haveria era um processo de controle dos discursos para consolidar a ideologia cristã entre os anglo-saxões.

Com o fim de aprofundar nossa reflexão, apresentaremos dois trechos extraídos dos documentos medievais, que registram um mesmo acontecimento, para contrastar com a representação ficcional desse momento em *Saxon Stories*. O primeiro, retirado de *The Anglo-saxon Chronicle*, e o segundo, de *The Life of King Alfred*. Os dois referem-se ao mesmo episódio: a luta do Rei Edmund da Ânglia Oriental contra os dinamarqueses.

871 [870]. Aqui o exército invasor atravessou a Mércia até a Ânglia Oriental, e permaneceu no inverno em Thetford; e naquele ano São Edmundo o Rei lutou contra eles, e os dinamarqueses venceram, e mataram o rei e conquistaram todo aquele território, como a todos os mosteiros que encontraram. Na mesma época eles vieram à Peterborough: queimaram e demoliram, mataram todos os abades e monges que lá encontraram, e do que antes era muito rico transformaram em nada. [...] (SWANTON, 1997, p. 71) (tradução nossa)<sup>12</sup>

No ano da encarnação de nosso Senhor 870, [...] Edmundo, rei dos anglos orientais, lutou bravamente contra aquele exército. Mas, infelizmente, ele foi morto juntamente com um grande número de seus homens, e os vikings se regozijaram triunfantemente; os inimigos eram mestres do campo de batalha e submeteram toda a província à sua autoridade. (KEYNES; LAPIDGE, 2004, p. 78) (tradução nossa)<sup>13</sup>

---

fortress with Ælfric, was a secret pagan. ‘I just heard it,’ I said, hoping I would get away with the evasion without being hit, ‘and I know we were descended from Woden.’ ‘We are,’ my father acknowledged, ‘but we have a new God now.’ [...]” (CORNWELL, 2005, p. 16)

<sup>12</sup> “871 [870]. Here the raiding-army went across Mercia into East Anglia, and took winter-quarters at Thetford; and in that year St Edmund the king fought against them, and the Danish took the victory, and killed the king and conquered all that land, and did for all the monasteries to which they came. At the same time they came to Peterborough: burned and demolished, killed abbot and monks all that found there, brought it about so that what was earlier very rich was as it were nothing. [...]” (SWANTON, 1997, p. 71)

<sup>13</sup> “In the year of our Lord's incarnation 870, [...] Edmund, king of the East-Angles, fought most fiercely against that army. But alas, he has killed there with a large number of his men, and the Vikings rejoiced triumphantly; the enemy were masters of the battlefield, and they subjected that entire province to their authority.” (KEYNES; LAPIDGE, 2004, p. 78)

Mesmo com a objetividade, pode-se identificar que o Cristianismo é onipresente em ambos os textos. No primeiro trecho, o rei Edmund é colocado como santo pela abreviação de “St”, e há a menção da violência e destruição causada pelos *vikings* aos monges e bispos. O outro trecho, assim como todos os demais em *The Life of King Alfred*, de início enfatiza “o ano da encarnação do nosso Senhor”, já acentuando o discurso cristão. Entretanto, nesse segundo trecho, há, curiosamente, o reconhecimento de que os “inimigos” eram “mestres de batalha”. Ademais, complementamos que o tradutor Michael Swanton coloca em nota de rodapé que o manuscrito F *The Canterbury Bi-Lingual Epitome* “[...] adiciona que os nomes dos líderes que mataram o rei eram Ivar e Ubba.” (SWANTON, 1997, p. 70) (tradução nossa)<sup>14</sup>. Consideramos essa nota importante, já que tais personagens protagonizam esse momento na ficção de Cornwell.

Como mencionado anteriormente, os escandinavos ganham espaço no discurso literário em *Saxon Stories*. Uhtred, que passa a conviver com os dinamarqueses, frequentemente faz referências à cultura escandinava, como aspectos de seu folclore e religião. Bem como é possível constatar nos discursos de personagens escandinavos suas impressões acerca dos anglo-saxões e outros povos, e principalmente das práticas cristãs. Em *The Last Kingdom*, há um capítulo praticamente dedicado a descrever, em detalhes, o episódio do assassinato do Rei Edmund pelos dinamarqueses, no qual são destacados os irmãos Ivar e Ubba, personagens históricos e ao mesmo tempo lendários, por serem considerados filhos do também lendário Ragnar Lothbrok.

— Há muitos deuses — reagiu Ivar ríspidamente. — Muitos! Todo mundo sabe disso.

— Há apenas um Deus, e vocês devem servir a ele.

— Mas nós estamos ganhando — explicou Ivar com paciência, quase como se falasse com uma criança —, o que significa que nossos deuses estão vencendo seu deus único.

O rei estremeceu diante dessa heresia medonha.

— Seus deuses são falsos, são excrementos do demônio, são coisas malignas que trarão trevas ao mundo, ao passo que nosso Deus é grandioso, é todo-poderoso, é magnífico.

— Mostre — disse Ivar. Essa palavra produziu um profundo silêncio. O rei, seus padres e monges olharam Ivar numa perplexidade evidente. — Prove — insistiu Ivar, e seus dinamarqueses murmuraram o apoio à idéia. O rei Edmund piscou, evidentemente sem inspiração, depois teve uma idéia súbita

<sup>14</sup> ) “[...] adds that the names of the head men who slew the king were Ingware (Ivar) and Ubba” (SWANTON, 1997, p. 70)

e apontou para o painel de couro em que estava pintada a experiência de São Sebastião como alvo de arqueiros. — Nosso Deus poupou o abençoado São Sebastião da morte por flechas! O que é prova suficiente, não é?  
— Mas mesmo assim ele morreu — observou Ivar.  
— Só porque essa foi a vontade de Deus. Ivar pensou nisso.  
— Então seu deus protegeria vocês das minhas flechas? — perguntou.  
— Se for a vontade dele, sim.  
— Então vamos tentar. Vamos atirar flechas em você, e, se você sobreviver, todos seremos lavados. Edmundo encarou o dinamarquês, imaginando se ele estaria falando sério, depois ficou nervoso ao ver que Ivar não estava brincando. [...] (CORNWELL, 2006, p. 139)<sup>15</sup>

O texto acima demonstra que, diferentemente dos textos medievais, as personagens ganham vida e voz, principalmente tratando-se dos escandinavos. Os personagens Ivar e Ubba e o Rei Edmundo dialogam e discutem a respeito de suas crenças religiosas, o que dá a oportunidade aos escandinavos de justificarem o assassinato do rei, mesmo que não se omita a violência de seus atos. Nesse momento, o protagonista se coloca como narrador observador, dando lugar a personagens históricos. Esse fato converge com a defesa de Hutcheon, que, contrariando Lukács, determina que os personagens históricos possuem voz e presença significativa na metaficção-historiográfica. A autora estabelece que na literatura pós-moderna, até mesmo “os personagens históricos assumem um *status* diferente, particularizado e, em última hipótese, ex-cêntrico” (HUTCHEON, 1991, p. 151).

A narrativa de Cornwell mostra com clareza o embate das relações de poder presentes nas narrativas medievais: o choque entre Cristianismo e Paganismo. Contudo, enquanto nas fontes medievais o Cristianismo conta a história do seu ponto de vista, e de forma objetiva, em *Saxon Stories*, as diferentes crenças são tratadas frente a frente a partir de diálogos argumentativos entre personagens cristãs e pagãs, como mostra o excerto citado acima, tendo na

---

<sup>15</sup> “‘There are many gods,’ Ivar snapped back, ‘many! Everyone knows that.’ ‘There is only one God, and you must serve him.’ ‘But we’re winning,’ Ivar explained patiently, almost as if he talked to a child, ‘which means our gods are beating your one god.’ The king shuddered at this awful heresy. ‘Your gods are false gods,’ he said, ‘they are turds of the devil, they are evil things who will bring darkness to the world, while our God is great, he is powerful, he is magnificent.’ ‘Show me,’ Ivar said. Those two words brought silence. The king, his priests and monks all stared at Ivar in evident puzzlement. ‘Prove it,’ Ivar said, and his Danes murmured their support of the idea. King Edmundo blinked, evidently lost for inspiration, then had a sudden idea and pointed at the leather panel on which was painted Saint Sebastian’s experience of being an archers’ target. ‘Our God spared the blessed Saint Sebastian from death by arrows!’ Edmundo said, ‘which is proof enough, is it not?’ ‘But the man still died,’ Ivar pointed out. ‘Only because that was God’s will.’ Ivar thought about that. ‘So would your god protect you from my arrows?’ he asked. ‘If it is his will, yes.’ ‘So let’s try,’ Ivar proposed. ‘We shall shoot arrows at you, and if you survive then we’ll all be washed.’ Edmundo stared at the Dane, wondering if he was serious, then looked nervous when he saw that Ivar was not joking. [...]” (CORNWELL, 2005, p. 120)

maior parte do tempo a predominância do paganismo nórdico, até porque o protagonista e narrador Uhtred ironiza com frequência a crença e as práticas cristãs, como ao contar em detalhes como o Rei Edmund foi morto, de forma extremamente humilhante. O protagonista reitera que hoje em dia, essa história jamais é contada, já que é ensinado que o bravo Santo Edmund “[...] enfrentou os dinamarqueses, exigiu sua conversão e foi assassinado” (CORNWELL, 2006, p. 141)<sup>16</sup>.

Ao usar a locução adverbial “hoje em dia”, o protagonista refere ao seu tempo presente, mas que, ao mesmo tempo, configura-se no tempo presente do leitor. Realmente, o Rei Edmund tornou-se um mártir muito presente não somente na memória cristã, mas especialmente na memória inglesa. Contrariamente, Uhtred refuta essas memórias, quando afirma, por exemplo, que “portanto agora ele é um mártir e santo, gorjeando feliz no céu, mas a verdade é que foi um idiota levado ao martírio pela própria conversa” (CORNWELL, 2006, p. 141)<sup>17</sup>. Mais um exemplo no qual o protagonista traz a palavra “verdade” como contrária à história escrita pelo Cristianismo.

## Considerações Finais

O presente artigo refletiu a respeito de como as relações entre anglo-saxões e escandinavos na Inglaterra do século IX são representadas por diferentes materiais narrativos: dois textos que datam da mesma época a que relatam, e, por isso, usados pela historiografia como fontes para reconstruir a história do período, e um texto contemporâneo de propósito literário, que propõe recontar essa mesma história.

*The Last Kingdom*, de Bernard Cornwell, centra-se na Era *Viking*, no século IX, e seus impactos na criação do que hoje conhecemos por Inglaterra. Essa obra pode ser considerada uma representação literária de uma representação histórica, pois propõe uma nova realidade com novas reflexões acerca do passado histórico referido pelos textos medievais e por estudos historiográficos.

Ao demonstrarmos como a História se apresenta dentro da ficção, concluímos que *The Last Kingdom* insere-se tanto em alguns parâmetros do romance histórico tradicional, como da

---

<sup>16</sup> “[...] stood up to the Danes, demanded their conversion and was murdered” (CORNWELL, 2005, p. 122)

<sup>17</sup> “so now he is a martyr and saint, warbling happily in heaven, but the truth is that he was a fool and talked himself into martyrdom” (CORNWELL, 2005, p. 122)



metaficção historiográfica, pois a obra é uma conexão do passado com o tempo presente (LUKÁCS, 2011), por meio da memória, e oferece diversos questionamentos acerca da criação historiográfica e ficcional (HUTCHEON, 1991).

Nesse sentido, a literatura de Cornwell transforma a realidade presente em textos como *The Anglo-saxon Chronicle* e *The Life of King Alfred*, realidade a qual também saiu modificada pelo processo de representar, e em estudos da historiografia. De certa forma, a representação do real, tanto na história quanto nas artes, é guiada por relações de poder, que no caso dos textos estudados aqui, são as relações entre o cristianismo e o paganismo nórdico presentes na e pela linguagem.

## Referências

- ALBUQUERQUE, I. D.. *As relações identitárias entre anglo-saxões e escandinavos: uma comparação do reino de Wessex com a região da Danelaw (Séculos IX-X)*. Tese (Doutorado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: [http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/teses-e-dissertacoes/teses-e-dissertacoes/teses?option=com\\_pesquisa&view=docman\\_teses\\_dissertacoes&Itemid=155&q=isabela](http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/teses-e-dissertacoes/teses-e-dissertacoes/teses?option=com_pesquisa&view=docman_teses_dissertacoes&Itemid=155&q=isabela) Acesso em: 27 mar. 2018.
- ALBUQUERQUE, I. D. A utilização do conceito de identidade nos estudos sobre Idade Média: um olhar sobre a Inglaterra no período de Alfred, o Grande (871-899). *Plethôs*, vol. 2, n.1, pp. 38-41, UFF, 2012. Disponível em: [www.historia.uff.br/revistaplethos/arquivos/vol2num1/5isabela.pdf](http://www.historia.uff.br/revistaplethos/arquivos/vol2num1/5isabela.pdf) Acesso em: 10 jun. 2019.
- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BASTOS, A. B. *Introdução ao Romance Histórico*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- BORGES, Jorge Luis. *Curso de Literatura Inglesa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CORNWELL, B. A criação da Inglaterra. O pano de fundo da história de Uhtred. In: CORNWELL, B. *Guerreiros da Tempestade*. Crônicas Saxônicas. Livro 9. Trad. Alves Calado. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016. p. 341-349
- CORNWELL, Bernard. Nota Histórica. In: CORNWELL, Bernard. *Morte dos Reis*. Crônicas Saxônicas. Livro 6. Trad. Alves Calado. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 371-375
- CORNWELL, B. *O último reino*. Crônicas saxônicas. Livro 1. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- CORNWELL, B. *The Last Kingdom*. London: Harper Collins, 2005.
- COSTA LIMA, L. *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.



DROUT, Michael D. C. *A history of the English Language*. Course Guide. Recorded Books, LCC, 2006.

FORESTER, T. (Trad.) *The Chronicle of Henry of Huntingdon*. The History of England, from the invasion of Julius Caesar to the accession of Henry II. Also, The acts of Stephen, King of England and Duke of Normandy. London: Henry G. Bohn, York Street, Convent Garden, 1853.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KEYNES, S.; LAPIDGE, M. (Trad.) *Alfred the Great*. Asser's Life of King Alfred and Other Contemporary Sources. London: Penguin Books, 2004.

LANGER, Johnni. Era Viking. In: LANGER, Johnni. (Org.) *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017. p. 212-220

LANGER, Johnni. Paganismo nórdico. In: LANGER, Johnni. (Org.) *Dicionário de Mitologia Nórdica*. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. p. 357-361.

LUKÁCS, G. *O Romance Histórico*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MINGO, C. S. *The Arthurian World in Bernard Cornwell's The Warlord Chronicles*. Republica of Moldova: LAP LAMBERT Academic Publishing, 2017.

MIRANDA, Pablo Gomes. Ragnar Lodbrok. In: LANGER, Johnni. (Org.) *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017. p. 583-589

OLIVEIRA, João Bittencourt. Linguagem. In: LANGER, Johnni; AYOUB, Munir Luft. (Org.) *Desvendando os Vikings*. João Pessoa: Idea, 2016. p. 32-50

OLIVEIRA, Leandro Vilar. Grande Armada Danesa. In: LANGER, Johnni. (Org.) *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017. p. 323-325.

SWANTON, M. (Trad.) *The Anglo-saxon Chronicle*. London: J. M. Dent, 1997.

WEINHARDT, M. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In: WEINHARDT, M. (Org.) *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.